Avaliação da Educação, Cidadania e Trabalho

Míriam Paura Sabrosa Zippin Grinspun

Mestre em Educação pela Fundação Getúlio Vargas; Doutora em Filosofia pela Universidade Gama Filho; Professora daUERJ; Membro do Conselho Superior de Ensino e Pesquisa da UERJ.

RESUMO

Este artigo analisa a relação da avaliação com o trabalho e a formação da cidadania.

Discute a avaliação como juízo de valor e tomada de decisões. A importância da avaliação reside no processo de formação de pessoa humana visando a construção da própria cidadania.

O artigo aborda a questão de trabalho como fio condutor do processo educativo e a formação do jovem para o mundo do trabalho.

"No meio do caminho tinha uma pedra. Tinha uma pedra no meio caminho"

(Carlos Drumond de Andrade)

1. Introdução

Buscamos nos versos de Carlos Drumond de Andrade o início de uma reflexão sobre uma "pedra" que existe no caminho da educação, quando tratamos da avaliação colocando-a como uma etapa - indispensável - no processo educacional, sem que a ela nos dediquemos sem o significado e o sentido pedagógico de que lhe é revestida.

Nossa proposta, neste trabalho, é abordar o tema que confere o pano de fundo acerca da "Avaliação da educação, cidadania e trabalho", numa perspectiva do jovem, do aluno, protagonista desse processo que, ao ser avaliado e avaliando a própria educação, está construindo a sua formação de cidadania.

Partimos da conceituação da avaliação como um juízo de valor e, portanto, de uma área onde a subjetividade está implícita; como educação recorremos à concepção etimológica do próprio termo, referindo-se, portanto, ao ato de educar como o de orientar, conduzir, nortear e, também, como o de trazer de "dentro para fora" as potencialidades do indivíduo. O conceito de cidadania ou a preparação para a conquista da cidadania está diretamente relacionado, como outras instâncias sociais, ao projeto educacional. O trabalho consiste, também, numa dimensão pedagógica no momento em que ele faz parte da formação do cidadão em toda a sua abrangência e plenitude.

O objetivo deste texto reside numa reflexão sobre a importância da avaliação da educação para que a mesma ajude o jovem na sua construção de cidadania, não como algo estático, pronto, mas como um processo que ao ser construído necessita de sua participação, do seu conhecimento.

De acordo com Piaget o conhecimento não está no sujeito nem no objeto, mas ele se constrói

na interação do sujeito com o objeto. É na medida que o sujeito interage que ele vai produzindo sua capacidade de conhecer e vai produzindo, também, o próprio conhecimento. Nesse sentido estamos valorizando os conhecimentos advindos da mediação de uma relação entre o sujeito e o conhecimento. Em outras palavras, queremos pensar sobre esta relação em que o sujeito vive não só adquirindo o conhecimento, avaliando-o, mas e, principalmente, nas formas que esta relação deve ser revestida para que, acima de tudo, ela seja pedagógica e, portanto, formativa.

Uma observação final reside na referência ao termo educação, neste texto, como uma educação institucionalizada, seja na escola, seja nos projetos educacionais específicos. Estaremos entendendo o ato intencional, voluntariamente decidido, de trabalhar em favor do desenvolvimento do ser humano, capacitando-o em termos de uma conduta técnica e política para a ação. Pretendemos evidenciar como a avaliação - pode e deve - ajudar na formação de um cidadão crítico e consciente e participante na história de seu tempo.

2. Avaliando a Avaliação

Popham (1977) concebe a avaliação educacional como uma "operação na qual a qualidade de uma iniciativa educacional é julgada". Avaliar significa julgar qualidade comparando-a com critérios e padrões previamente definidos. Uma primeira reflexão se impõe para nós: qual o padrão, ou quais os critérios que a nossa educação define para a formação de um cidadão?

Existe um grande problema na avaliação que, de um modo geral, é tratada separada de educação, como diz Hoffmann:

> *"Os educadores percebem a ação de educar e a ação de avaliar como dois momentos distintos e não relacionados... A avaliação é inerente e indissociável enquanto concebida como problematização, questionamento e reflexão sobre a ação" (Hoffmann, 1991, p.54)*

É com este sentido de questionamento que percebo a função da avaliação e a analiso nas funções pedagógicas, principalmente na questão dos valores. Quais seriam, então, os valores que estão subjacentes à formação do cidadão?

Entendemos a cidadania como a aquisição dos direitos e deveres por todos os membros da sociedade, e cidadão como aquele que vive a plena posse dos direitos e a possibilidade concreta de exercitar seus direitos sociais. Se compreendermos a cidadania como a concreta e histórica realização dos direitos, seguida da possibilidade de realização dos seus deveres, cabe à educação o papel de "exercitar" os seus deveres e direitos para o completo domínio - dentro do possível - na sociedade em que vive e convive. Como é desenvolvida na escola a questão do trabalho, da produtividade, da responsabilidade, da participação, da solidariedade, etc? Com esses valores são discutidos, avaliados pela escola? Com quais paradigmas a escola está trabalhando a avaliação?

Guba & Lincoln apud Penna Firme (1988, p. 150) apresentam determinados paradigmas relacionados com a natureza do fenômeno estudado. Enfatizam entre outros o paradigma científico, adequado ao mundo físico e, portanto, das ciências exatas, e o paradigma naturalístico, apropriado aos estudos etnográficos, históricos, políticos e de aconselhamento. O paradigma se volta para uma realidade múltipla onde inúmeros elementos se inter-relacionam.

Para os autores o paradigma científico trata a realidade de maneira singular e fragmentada, enquanto o naturalístico a vê de forma múltipla, divergente e inter-relacionada. Na relação entre avaliador e o sujeito, o primeiro paradigma aborda a questão da independência, enquanto o segundo ressalta a interpelação. E finalmente, o paradigma científico está voltado para as generalizações, enfocando mais a dimensão nomotética da situação, enquanto, o paradigma naturalístico se orienta para o contexto do fenômeno, com ênfase nos aspectos ideográficos.

O que eu venho buscando na avaliação é a existência de um paradigma que atenda os aspectos convencionais da verificação da aprendizagem e da educação de um modo geral, mas que permita, também, trabalhar as relações pedagógicas e as reflexões dela advindas. Como diz Hoffmann: "Um processo interativo através do qual educandos e educadores aprendem sobre si mesmos e a realidade escolar no ato próprio da avaliação" *(Hoffmann, 1991, p.55).*

Um paradigma de avaliação implica necessariamente um projeto de educação com uma filosofia que privilegie os objetivos que queremos alcançar.

Popham diz que o principal papel da avaliação refere-se à avaliação de necessidade educacionais, a partir da qual serão determinados os objetivos pretendidos pelo sistema educacional; o segundo papel, para o autor, diz respeito à avaliação de adequação de tratamento, na qual há um julgamento de valor dos meios educacionais.

Guba e Lincoln nos propõem uma avaliação responsiva naturalística em que há uma constante interação entre os participantes da mesma, com uma "negociação" para que haja a análise e julgamento dos fatos disponíveis. Em cada etapa as apreciações são discutidas e assimiladas. Esta é uma proposta de avaliação dentro de uma linha, como diz Penna Firme, que constrói, que aperfeiçoa, que estimula, que valoriza. Acredito que este caminho a ser percorrido em conjunto pelos protagonistas do processo educacional valorizará o diálogo, as interações e o significado dos próprios valores. A educação estaria, de fato, atendendo os seus "paradigmas" básicos de orientação, informação e formação.

O que pretendemos numa busca de um paradigma da educação é a formação de um cidadão capaz de conceber e construir sua emancipação político-econômica; a escola, como diz *Buffa (1987)* poderia ser um lugar de fomento da consciência crítica e da construção de sujeitos sociais capazes. Esses sujeitos não se (in) formam apenas com a apreensão dos conteúdos, dos conhecimentos e sim, com a vivência dos valores, do sentimentos que integram aquela construção assinalada.

A avaliação da educação está relacionada, pois, com uma concepção de homem, de sociedade (que tipo de sociedade queremos formar), ao projeto político-pedagógico da Instituição.

Uma "nova" avaliação que responda aos reclamos da formação do cidadão passa por uma nova postura do educador comprometido com esse projeto, com a transformação da sociedade, e, portanto, com a formação do cidadão.

3. Projetando as Perspectivas

Face ao encaminhamento das questões apresentadas até o presente momento e, também, considerando a minha prática pedagógica, constato que o paradigma histórico crítico é o que maior repercussão tem no nosso contexto brasileiro. Acredito numa preocupação constante dos educadores e, superada a fase de denúncia que caracterizou, principalmente, a década de 70, possamos chegar (ou se é que já chegamos) à fase do "anúncio" de um paradigma que atenda às reais necessidades de nossa clientela, em especial os alunos das classes trabalhadoras.

De uma aquisição meramente ritualística dos conhecimentos, em que a aquisição passiva era a característica básica, até a tendência apontada por Paulo Freire como libertadora, em que a dimensão política assume papel importante na "libertação" das amarras da dependência, diferentes paradigmas contribuíram para a análise da realidade educacional brasileira. Já enfatizamos o momento atual com a pedagogia histórico-crítico, mas percebe, em termos de perspectiva, uma revisão ou ampliação da proposta atual.

Analiso esta perspectiva da tendência de se considerar o homem como um todo - em todo as etapas do seu processo educacional - holisticamente, que valorize os aspectos da vida pessoal, social, buscando uma atitude inter ou transdisciplinar para a ação pedagógica.

Nesta dimensão, estariam contemplados, além de toda a abordagem crítica inerente ao processo de educação, a questão da construção do conhecimento e a questão da afetividade e dos sentimentos. Neste contexto terá uma importância a questão dos valores, os modelos éticos vigentes na nossa sociedade. Acredito que o encaminhamento do percurso valorizará o pensar e o julgar, o saber e o ser.

Liberdade, responsabilidade, participação, dentre outros não serão valores meramente discutíveis do ponto de vista científico, da consciência moral, do enfrentamento das situações contraditórias não serão meramente especulativas, mas reais e específicas. Acredito também que estamos indo em direção à aproximação do discurso com a prática porque em termos de um discurso pedagógico já quase atingimos o desejado. Resta, porém, vivenciar este discurso. Eu caminho nesta direção.

4. Apresentando Propostas

A conquista da cidadania constitui-se num projeto histórico, e para realizá-lo necessitamos de mediações, de meios que o conduza a sua plenitude. A educação está entre essas mediações e pode auxiliar o jovem - objeto aqui de nossa preocupação - na construção de sua cidadania.

Para se ter assegurado o direito à educação, como diz Piaget, devemos ter oportunidades do desenvolvimento, tanto do ponto de vista intelectual, como social e moral.

Cabe à escola, então, propiciar experiências, troca interpessoais e conteúdos culturais que permitam ao jovem e à criança atingir capacidades cada vez mais elaboradas, de conhecer e atuar no mundo físico e social.

Como enfatiza Piaget, a lógica, a moral, a linguagem e a compreensão de regras sociais não são inatas, ou seja, pré-formadas, nem são impostas de fora para dentro, por pressão do meio. São construídas, ao longo do processo de desenvolvimento, pelo indivíduo.

Nesse sentido, apresentamos algumas propostas que podem auxiliar o jovem na sua construção de cidadania, a partir das reflexões emanadas de um processo de avaliação da educação:

1- Trabalhar a questão do conhecimento, dos valores e da totalidade das capacidades do indivíduo;

2 - Discutir os valores da avaliação e os valores implícitos no ato de avaliar;

3 - Rever a avaliação como uma construção reflexiva, crítica, emancipatória e não um processo passivo, repetitivo e coercitivo;

4 - Identificar o trabalho como eixo do processo educativo;

5 - Promover a interdisciplinaridade nas questões pedagógicas;

6 - Dimensionar a questão do autoconceito num processo de avaliação;

7 - Identificar o significado do projeto político pedagógico da Escola;

8 - Discutir os mitos e desafios da prática da avaliação;

9 - Inserir as questões da tecnologia no processo de desenvolvimento do indivíduo;

10 - Implantar um projeto, na escola, de participação mais ativa e consciente da atuação do jovem.

As propostas apresentadas evidenciam uma reflexão com o aluno, possibilitando-o a uma tomada de decisão mais rica e consciente. Partindo da premissa que avaliar é um juizo de valor, interessa-nos, muito, avaliar - junto aos alunos a questão dos valores, seus conceitos e significados.

Em relação ao trabalho pretendemos discutir, por exemplo, como se dão concretamente as

relações de trabalho na sociedade em que vivemos. O que representa o trabalho nessa sociedade concreta e, como num processo de transformação o trabalho se modificaria? Acreditamos que pelo valor - trabalho - poderemos pensar sobre o seu processo de desenvolvimento, como se relacionam suas idéias, suas aspirações e suas necessidades.

O mais importante é promover pela avaliação da educação questões que levem os alunos à formação da cidadania para um mundo novo, para um novo tempo onde, por certo, valores como o conhecimento, a competitividade, a solidariedade terão que estar juntos, a todo momento, no dia-a-dia.

A escola pode e deve contribuir para esta avaliação ocorra de forma mais pedagógica e, portanto, mais crítica e transformadora.

ABSTRACT

This article analysis the connection between evaluation with the citizen's work and formation.

Discuss the evaluation as a question of value and the decisions agreed. The importance of evaluation is in the human being formation process according to the construction of the citizen.

The article treats the question of work as the main question of the education process and the teen ager's formation for the world of work.

Referências Bibliográficas

BARRETO, J. A. E. Avaliação: mitos e armadilhas. *Ensaio:* avaliação e políticas públicas em Educação, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.45-54, out./dez. 1993.

BUFFA, E., ARROYO, M., NOSELLA, P. *Educação e cidadania:* quem educa o cidadão? São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1987. 94 p. (Coleção polêmicas de nosso tempo, 23)

DEMO, P. Qualidade da educação: tentativa de definir conceitos e critérios de avaliação. *Estudos em Avaliação Educacional,* São Paulo, n..2, p.11-26, jul./dez. 1990.

FREIRE, P. *Educação e mudança.* Tradução de Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.79p. (Educação e Comunicação, v.1)

_____. *Educação como prática de liberdade.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.150 p. (Ecumenismo e humanismo, v.5)

HOFFMANN, J. M. L. *Avaliação mediadora:* uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Educação & Realidade, 1993. 200p.

_____. *Avaliação:* mito e desafio: uma perspectiva construtivista. 2.ed. Porto Alegre: Educação & Realidade, 1991. 128 p.

PENNA FIRME, Tereza. Avaliação: resposta, resposabilidade, integração. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Superior. *[Encontros e Confrontos]* Educação superior e educação básica: coletânea de textos [sobre os benefícios mútuos de uma integração]: programa de integração da universidade com o ensino de 1º grau. Brasília, D.F.; Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1988. p. 135-59.

PIAGET, J. *Psicologia e epistemologia*: por uma teoria do conhecimento. Rio de Janeiro: Forense. 1973. 158 p.

POPHAM, W. J. *Manual de avaliação*: regras práticas para o avaliador educacional. Petrópolis: Vozes, 1977.

VASCONSELLOS, C. S. *Avaliação:* concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar. São Paulo: 1993. (Cadernos pedagógicos do Libertad, v.3)